

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



Instituto Cultural
Cidade Viva

denominação
Fazenda São Roque

código
AII-FO5-Vass

localização
Rodovia BR 393 - Km 49,5 - Bairro Bacia da Pedra

município
Vassouras

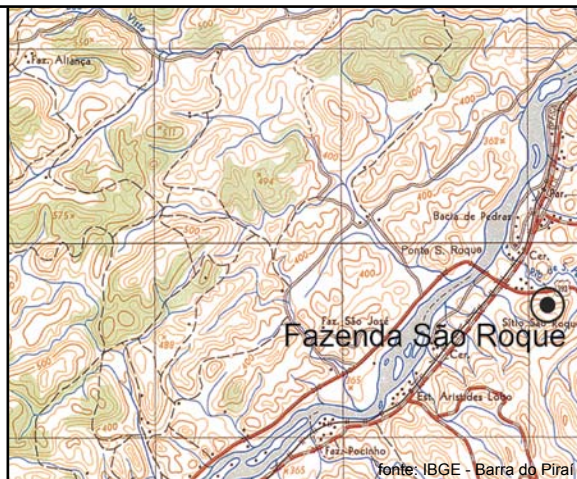
época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
comercial (futuro) / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A fazenda situa-se no sopé de um morro, delimitada ao sul pela BR 393, em um trecho de curva acentuada, e a oeste por uma estrada secundária para as localidades de Ipiranga e D. Ribeiro, paralela à linha férrea, à pouca distância do Rio Paraíba do Sul.



coordenador / data **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - nov 2007 e jan 2008**
equipe **Daniel Soares Braz e Ícaro Cardoso Cerqueira**
histórico **Adriano Novaes**

revisão / data
Alberto Taveira - mai 2008

A propriedade pertence ao Município de Vassouras, apesar de encontrar-se bem mais próxima da cidade de Barra de Pirai.

Com acesso principal pela rodovia, a casa-sede somente pode ser divisada da estrada secundária, implantada sobre um platô, definido por um bellissimo muro de arrimo em pedra, com altura de até 5 m em seu trecho mais acentuado. O terreno existente na cota de nível mais baixa, delimitado em um de seus lados pelo muro em pedra, conforma o antigo terreiro de café; uma escadaria, também em pedra, integra esses dois espaços. A casa é circundada por árvores de grande porte.

Aos fundos da casa-sede, em um nível ainda mais baixo que o do terreiro do café, restam as ruínas de uma antiga construção, provavelmente do moinho ou engenho, com interessante estrutura circular em pedra que também era acessada, antigamente, por uma escadaria em pedra. Ao lado das ruínas, encontra-se um pomar, uma casa de colono e, mais ao fundo, um riacho que atravessa a propriedade em direção ao Rio Paraíba do Sul.



O conjunto atual é formado pela casa sede, terreiro de café, ruínas e a casa do caseiro, colada às ruínas, sem valor arquitetônico ou histórico e com previsão de demolição pelo atual proprietário.

A casa-sede é uma construção térrea com porão e planta em “L” com varanda voltada para o pátio. De proporções elegantes, com cobertura em telhas de barro capa e canal, tem cunhais bem marcados e generosos beirais em madeira pintada; vãos de janelas com vergas retas e folhas de guilhotina em caixilhos com vidro, dispostas uniformemente; acesso através de uma escada em pedra, com patamar protegido por delicada cobertura metálica arrematada por lambrequim.

Piso em assoalho sobre barrotes de madeira; alvenarias do porão em pedra e do pavimento térreo originalmente em pau-a-pique, à exceção de uma parede em pedra nesse pavimento.

A casa-sede passou por inúmeras intervenções ao longo das décadas. Quando serviu de base para abrigar os engenheiros e funcionários das obras da rodovia 393, o interior da casa sofreu diversas alterações. O porão foi escavado, aumentando o pé-direito para a instalação de uma cozinha e refeitório dos funcionários, transformando-se em um pavimento inferior.

Atualmente, após a investigação do engenheiro contratado pelo proprietário para as obras de restauração, buscou-se voltar às divisões originais da casa. As paredes de pau-a-pique foram mantidas e restauradas com argamassa de barro, areia e cimento, não tendo sido utilizada a cal.

Em registro de 1976 no arquivo do INEPAC, consta um acesso externo diretamente ao porão pela fachada principal e uma escada interna igualmente acessando o porão desde o pavimento superior. Essas intervenções foram retiradas na atual obra de restauração.

O novo forro será de placas de compensado em madeira, revestidas por réguas de madeira, imitando os antigos forros de saia e blusa.

No momento, está sendo construída uma nova escada para o acesso às ruínas, diretamente do platô da casa-sede, utilizando pedras encontradas no fundo da fazenda (especula-se que tenham sido retiradas do terreiro de café para transformá-lo em pasto). Ao mesmo tempo essa obra provocou a mutilação de parte do muro de pedra, de extremo valor histórico e arquitetônico.

Findas as obras, a nova proposta de uso será o de uma Casa de Chá / Museu de uma antiga Casa de Fazenda.



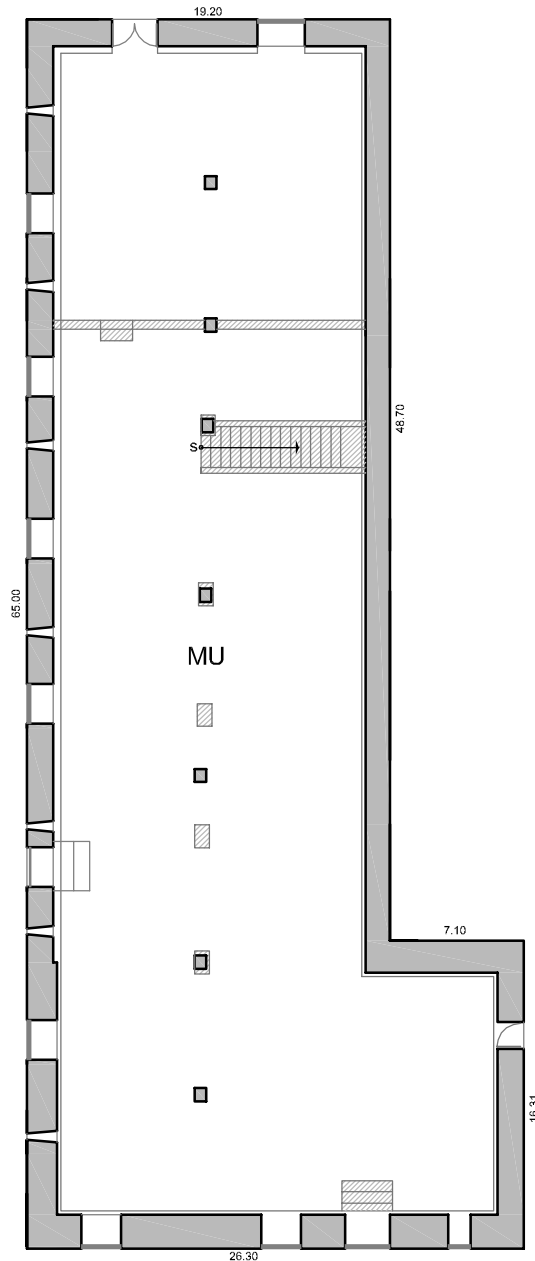
A casa-sede encontra-se em bom estado de conservação devido às obras de recuperação em andamento. Todos os problemas e patologias encontradas nas fundações, vedações, coberturas e estruturas em madeira foram tratados.



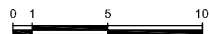


Observações:

1. Na época em que foram realizados os levantamentos desta fazenda, a Sede encontrava-se em fase final de reforma, obra atestada pelas alvenarias demolidas, as quais foram registradas nas plantas aqui exibidas.



1 FAZENDA SÃO ROQUE
Planta Baixa da Sede - Porão escala: 1/400



MU - museu

— alvenaria existente
 // alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F05 - Vass

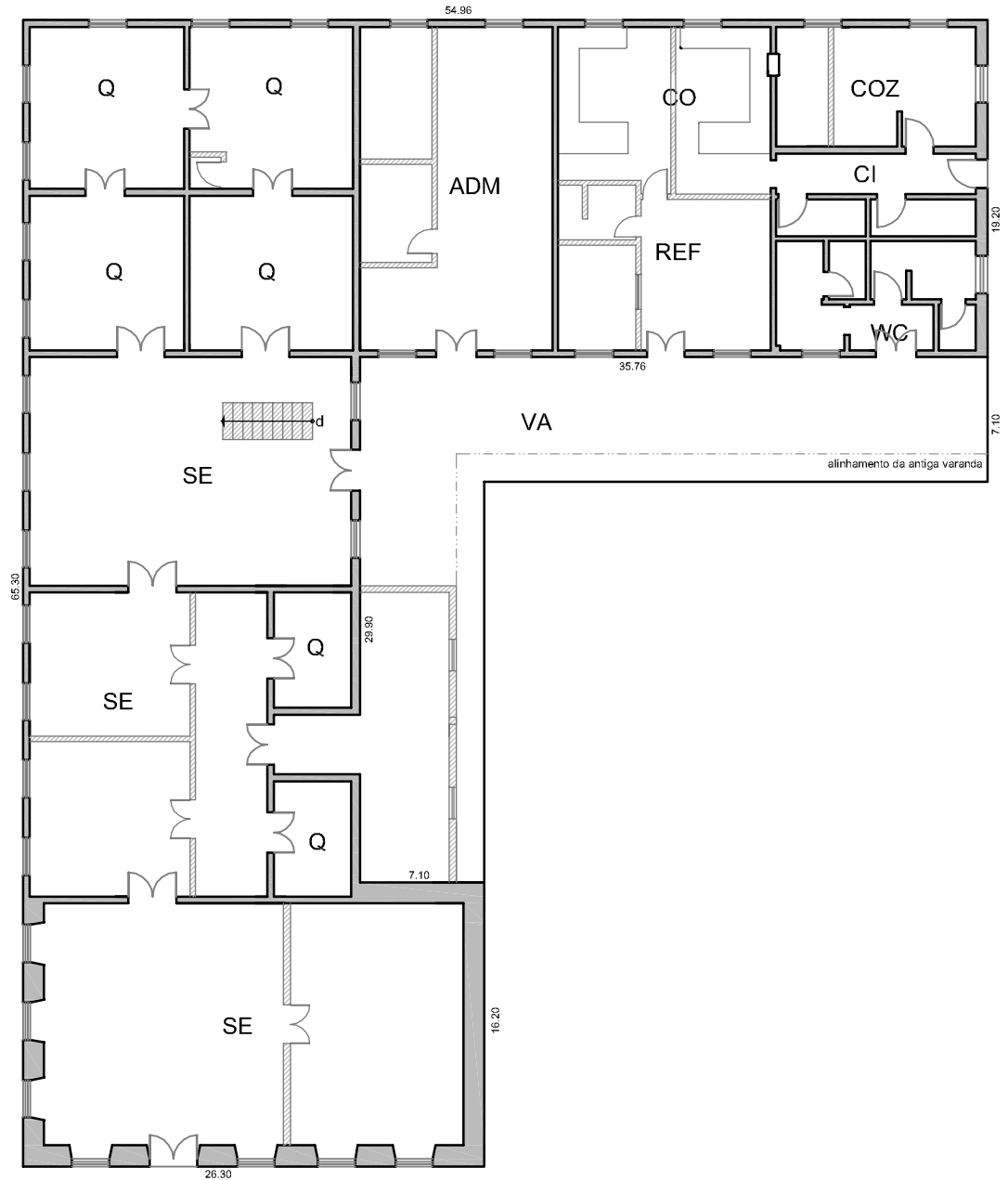
1/2

equipe:
 Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita

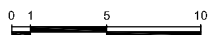
desenhista:
 Noemia Barradas/Claudia Baima

revisão:
 Francyla Bousquet

data:
 nov 2007



1 FAZENDA SÃO ROQUE
Planta Baixa da Sede - 1º PAVTO. escala: 1/400



ADM - administração	CO - copa	Q - quarto	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	REF - refeitório	VA - varanda		alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F05 - Vass

2/2

equipe: Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita	desenhista: Noemia Barradas/Claudia Baima	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------

A Fazenda São Roque foi fundada em princípios do século XIX pelo Tenente Antônio da Costa Franco, através da concessão de sua sesmaria, datada de 31 de outubro de 1803. A esta fazenda, o Tenente Antonio da Costa Franco deu o nome de São Roque, provavelmente em homenagem ao seu pai, Roque da Costa Franco.

O local escolhido para a instalação da sede da propriedade foi uma várzea localizada às margens de um córrego que faz a sua barra a poucos metros do Rio Paraíba do Sul. Estrategicamente localizado, o Solar de São Roque foi construído numa elevação que domina toda a planície fronteira à fazenda, ocupada, na sua maioria, por um imenso terreiro de café sustentado por muros de arrimo em pedra seca.

Do lado direito de quem a observa de frente, um correr de construções, um pouco abaixo do solar, provavelmente as antigas senzalas. Estas edificações, que não existem mais, podem ser observadas em fotos do arquivo do IPHAN. Do lado oposto, bem mais abaixo, junto ao córrego, diversas construções que provavelmente formam os engenhos, tulhas, cevas, tenda do ferreiro, casa de farinha, casa de tropa etc. Hoje só existem algumas ruínas.

Sobre o fundador de São Roque, pouco ou quase nada se sabe. Apenas que era carioca e, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tinha casa comercial, possuindo patente militar de tenente. Casou-se com Dona Helena Maria d'Assunção, que em alguns documentos assinava Elena, e com ela teve dois filhos: Thereza Maria d'Assunção e Manoel da Costa Franco.

Thereza Maria casou-se com o tio, João da Costa Franco e Almeida, e Manoel – que era mais jovem que a irmã e trabalhava com o pai em São Roque –, depois da morte da mãe casou-se com Matilde Amália da Costa Franco, com quem teve três filhos, e herdou a fazenda dos pais.

O Tenente Antônio da Costa Franco, bem como seus descendentes, pouco participava da vida social da região onde vivia, mesmo na vizinha Vila de Vassouras, que fora fundada em 1833 nas margens da Estrada da Polícia. Nessa situação de indiferença permaneceram até o início do século XX, quando saíram definitivamente do Vale do Paraíba.

Em princípios do ano de 1841, faleceu o pioneiro, Tenente Antônio da Costa Franco, e seu irmão e genro, João, em 25 de maio do mesmo ano. O luto abateu-se sobre os Costa Franco. Em 28 de setembro, foi aberto o inventário do Tenente Antônio da Costa Franco, cujo processo é rico em informações sobre a Fazenda São Roque.

Por volta de 1843, faleceu D. Helena Maria d'Assunção, e a sua parte na Fazenda São Roque foi dividida entre seus dois filhos herdeiros. Nessa ocasião, os herdeiros Manoel da Costa Franco e Pedro José Vieira de Andrade, por cabeça de sua mulher, D. Thereza Maria Vieira de Andrade, fizeram a partilha amigável dos bens, através de escritura pública datada de 1º de fevereiro de 1844, conforme documento apenso no processo de sobrepartilha entre os herdeiros de Helena Maria d'Assunção, datado de 1853.

A década de 1850 foi marcada pelo auge da produção cafeeira do Vale do Paraíba. A região de Vassouras exportava um milhão e meio de arrobas de café por ano. O café sustentava os sonhos dos fazendeiros.

Com os lucros do café, muitos fazendeiros adquiriram casas na Corte do Rio de Janeiro, para, de perto, desfrutar das novidades do mundo “civilizado” e estabelecer redes de relacionamento com pessoas influentes ligadas ao imperador.

Em 1865, os trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II alcançaram as terras da Fazenda São Roque, passando a poucos metros do solar.

Em 1873, faleceu na Corte do Rio de Janeiro, Manoel da Costa Franco, deixando a viúva D. Mathilde Amália da Costa Franco e os filhos Manoel da Costa Franco, D. Helena Amália Franco e D. Ambrozina Amália Franco. Sem inclinação para os negócios da lavoura, D. Mathilde Amália passou a administração da fazenda para o genro, Dr. Francisco Álvares de Azevedo Macedo, que realizava negócios através de procuração.

Os filhos do Casal Costa Franco não se interessavam pela fazenda e D. Mathilde tomou a iniciativa de vendê-la ao genro, que já administrava a propriedade. Dr. Francisco Álvares de Azevedo Macedo, advogado formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, era casado com D. Ambrozina Amália Franco de Macedo, e tentou por todos os meios manter a regularização do trabalho na fazenda pós-abolição da escravatura. D. Mathilde Amália da Costa Franco faleceu em sua chácara no Rio de Janeiro, no dia 26 de maio de 1890, aos 57 anos de idade.

Logo após a Abolição da Escravatura, o Dr. Álvares de Azevedo Macedo tomou a iniciativa de vender a fazenda ao seu concunhado e também advogado, Dr. Jeronymo de Freitas Guimarães, casado com D. Helena Amália de Franco Guimarães.

Em 1908, o Dr. Jerônimo de Freitas Guimarães vendeu a fazenda a Manoel José dos Reis, senhor de várias propriedades na região de Vassouras. Os sucessores de Manoel José dos Reis foram proprietários desta fazenda durante anos, entre eles, Antônio Dias Costa Reis, responsável pela grande reforma, realizada no solar em 1927.

No século XX, o café sede lugar ao gado e aos poucos os antigos cafezais vão sendo substituídos por pastos. É nesse período que ocorreu a maior parte das demolições das antigas dependências das fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba, bem como mutilações e alterações na configuração original dos antigos Solares. Com São Roque não foi diferente, ruiu ou foi demolida grande parte do antigo complexo cafeeiro da fazenda. A casa de morada manteve sua aparência externa inalterada, porém, foi muito modificada internamente.

Por pouco não foi totalmente destruída pela construção da BR 393, conhecida por Rodovia Lúcio Meira, importante via que liga a cidade do Rio de Janeiro ao Estado da Bahia. Com a construção da rodovia que passa a poucos metros da casa de morada, pelo lado sul, o antigo portão com a rua de palmeiras imperiais foram perdidos.

Em 1976, a fazenda pertencia ao senhor Reinaldo Medeiros Duarte, que, tempos depois, a vendeu ao Senhor Figorelli, que a loteou e vendeu as partes da fazenda a diversos. Há poucos, anos o secular Solar de São Roque e mais uma porção de terras a sua volta foram adquirido por um empresário do setor de turismo.



Fazenda São Roque, s.a., 1976 (Acervo INEPAC)